

Suplemento do Património

Mensal | Ano 13 | N.º 97 | distribuição gratuita | Revista Municipal

A igreja de São João Evangelista de Covas

Elsa Silva * e Cristiano Cardoso **

APONTAMENTOS HISTÓRICOS

Erguendo-se pela encosta do Monte do Amparo, Covas alcança visualmente uma grande parte do vale do Mezio, capturando com clareza a peculiar orografia desta parte do concelho de Lousada. A partir de qualquer ponto da encosta, que sucessivamente nos eleva desde a matriz, passando pela capela de N. S. do Amparo, até ao imponente Sagrado Coração de Jesus, é possível perscrutar o sinuoso curso do Mezio (esse mesmo, que cremos *do homizio*) e uma cadeia de pequenos montes que enquadra e limita naturalmente o vale. (Fig. 1)

Por se implantar na parte elevada da freguesia esta igreja não teve grande necessidade de se impor em altura. É uma construção baixa, ajustada à escala humana, despretensiosa.

Nas Inquirições de 1220 esta freguesia surge com a denominação de S. João de Sousela, fazendo crer numa relação territorial e religiosa com a de Santa Maria de Sousela e a extinta de São Salvador de Moreira de Sousela. Por esta altura a Ordem do Hospital já possuía aqui sete casais, mas não menciona de onde os obtivera (*Portugaliae...*, 1887:72, 164, 207 e 260).

No livro III das Inquirições de 1258 é referido pelos diversos jurados que a Igreja de *Sancti Johannis de Covis* era da Ordem do Hospital, que a tiveram de D. Gonçalo de Sousa e que a apresentação do pároco pertencia ao arcebispo de Braga. Por esta época o Hospital já detinha 15 casais nesta freguesia obtidos quer através da doação de D. Teresa Gonçalves de Sousa, quer por compra a D. Vasco Mendes de Sousa, neta e filho, respectivamente do conde D. Mendo, o Sousaão (Lopes, 2004:211 e 212).



Fig.1 - Vista da fachada da igreja.

Pela leitura das Inquirições parece entender-se que Covas foi *honra* de Sousões e que a sua igreja terá sido da fundação desta estirpe. Durante o século XIII a Ordem do Hospital aportou ao seu património os casais que viriam a constituir a comenda, assim como os direitos de padroado e sobre as rendas.

Debate-se na freguesia acerca da localização de uma igreja que antecedeu a actual. Circula na memória popular a convicção da existência de um templo primitivo nas proximidades da casa de Fontebela (antiga casa de Pegas) (v. Fernandes, 2007:54). Esta tradição de associar umas *pedras faceadas* existentes na cozinha da velha casa de Pegas à construção que, num passado remoto, terá servido de igreja, já tinha sido afluída pelo padre Peixoto, sem contudo acres-

centar mais dados que a suportassem (*Jornal de Lousada*, 1914:1). Não seria, no entanto, inédito o derrube total de uma velha igreja para, no mesmo lugar, se construir novo templo, aplicando-se os materiais dos escombros (madeiras, cantaria, etc.) em edificações vizinhas.

A escassez de dados com relevância histórica não nos permite assegurar uma localização diferente de uma conjectural igreja antiga. A mesma circunstância também não nos deixa afastar por completo essa hipótese. Contudo, relativamente aos locais de implantação das igrejas matrizes, consideramos que muito dificilmente se abdicava do solo sagrado ocupado por um antigo templo. E, nas situações raras em que tal acontecia, o espaço anteriormente ocupado por uma igreja era mantido com estatuto consagrado, através da conversão da igreja em capela, da erecção de um cruzeiro ou pela manutenção do espaço livre de utilização leiga.

Em nosso entender a igreja de Covas, desde a sua fundação por D. Gonçalo de Sousa, esteve sempre implantada no mesmo local. Outra questão totalmente diferente e que não pode ser confundida é a sua construção, ou seja, o seu edifício. Obviamente que este edifício que actualmente se pode observar nada tem a ver com aquele que existiu na Idade Média, nem sequer com aquele que serviu a comunidade até, pelo menos, a primeira metade do século XVII.

De meados do século XVII, precisamente, chegou até nós um importante documento que pode trazer mais perspicuidade a este assunto. Em 1645 realizou-se o tomo dos bens da Comenda de Santa Eulália da Or-

* Técnica Superior de História de Arte. RR.

** Técnico Superior de Ciências Históricas. CML.

dem (de Malta) que incluía propriedades e direitos em várias freguesias entre as quais se contava a de Covas. Neste tomo fez-se uma breve descrição e medição da igreja, da residência e dos passais. Vejamos o que diz o texto:

Esta igreja de Sam Joam de Covas tem no altar maior a imagem de Sam Joam Baptista, e tem mais dous altares coleterais e sua sancrestia e seu cuberto a porta e hum sino, e tem de comprido de nasçente a poente esta igreja quinze varas e de largo de norte a sul quatro e meia, está cituada no meio do adro, e parte este adro do nasçente poente e sul com as cazas de rezidência e passais della e do norte com o caminho fora, está tapado sobresi e tem de comprido de norte a sul vinte e quatro varas, e de largo de nasçente a poente vinte e duas (Tombo..., 1645:fl.189v).

Em tão breves palavras respiga-se muita informação importante. A igreja de Covas já possuía uma sacristia (divisão pouco comum em igrejas rurais da época), tinha cabido em frente à porta principal e um sino (muito provavelmente a sobrepujar a empena da fachada). Estava orientada canonicamente, isto é, a fachada voltada a poente e a capela-mor a nascente, medindo 16,5m x 4,95 (1 vara = 1,1m). O adro onde estava implantada confrontava de todas as partes com a residência e passais, à excepção do norte em que confrontava com o caminho.

Durante a segunda metade do século XVII construiu-se uma igreja nova, demolindo-se a pré-existente. A orientação do templo foi completamente alterada, ficando a fachada voltada para sul, para o vale. A exiguidade do adro impôs muitas limitações a esta nova construção, ficando a porta principal a abrir para uma ribanceira. No processo de restituição dos bens à fábrica da igreja de Covas em 1928 encontra-se uma planta (Fig. 2), desse mesmo ano, que dá uma perspectiva única da organização do espaço antes das obras que resultaram na demolição da residência e da casa da junta de paróquia para a construção de um salão paroquial, cuja localiza-

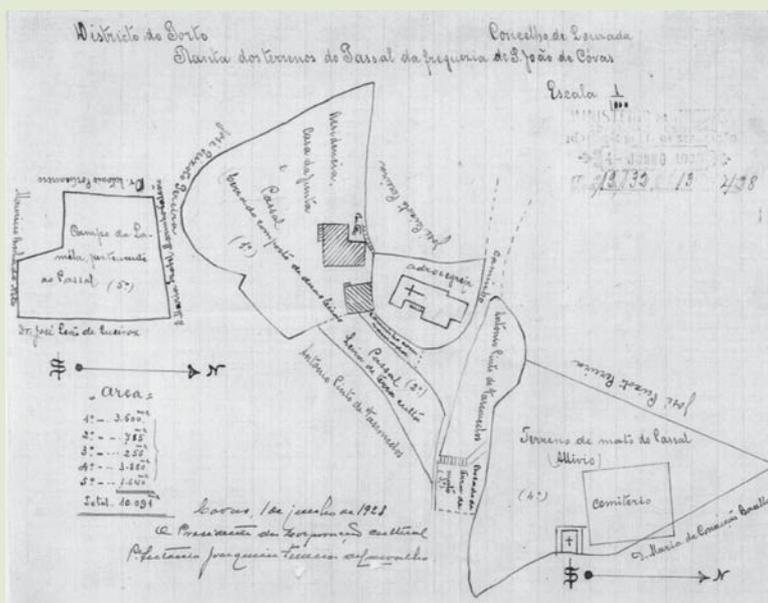


Fig. 2 - Planta elaborada em 1928. Fonte: ACMF.CJBC. Proc.12132.

ção foi verdadeiramente infeliz. Esta organização espacial muito pouco deverá ter mudado desde o século XVII até aos finais do século XX, exceptuando-se a orientação da igreja e a construção do cemitério.

ANÁLISE ARQUITETÓNICA E ARTÍSTICA

A Igreja Paroquial de São João Evangelista de Covas encontra-se implantada em terreno inclinado, sobre plataforma artificial de planta ovalada, sustentada por muros em alvenaria rebocada e pintada de branco, com acesso lateral, acessos frontal e posterior por escadaria que vence o desnível. O adro encontra-se parcialmente alcatroado, com calçada na zona junto à igreja¹.

Pelas suas características arquitetónicas será uma construção ainda do século XVII. No entanto, ainda revela pormenores que nos indicam a utilização deste templo em épocas anteriores. O seu edifício, não sendo de grande amplitude consegue atingir a sua imponência devido à sua localização geográfica, ou seja, encontra-se implantada numa zona alta da freguesia.

A Igreja Paroquial de São João Evangelista de Covas é um exemplo de arquitetura que invoca nas suas for-

mas, o estilo Barroco, apesar de muito tímido, pois denota-se, principalmente pelo seu vocabulário ornamental, ser um edifício muito preso à arquitetura Chã, ou seja, uma arquitetura, de volumes simplificados, ornamentação pontual, passando uma imagem bastante depurada e simples.

Espacialmente é composta por planta rectangular, de nave única e capela-mor também rectangular. Organizada por volumes escalonados com coberturas diferenciadas, sobressaem os dois volumes adossados à fachada lateral direita, que correspondem ao espaço da Sacristia e arrumos.

No seu todo, o templo é caiado e rebocado de branco, solução muito própria e utilizada na arquitetura da época Moderna.

Formalmente a sua fachada principal é composta por portal de linhas rectas, sem qualquer motivo decorativo. No mesmo eixo de simetria é introduzido um pequeno óculo, que juntamente com as frestas presentes, nas fachadas laterais, nos remetem para possíveis reutilizações de elementos anteriores à reconstrução do templo seiscentista. O remate é feito por empena triangular, o qual é sobrepujado ao centro por uma cruz latina em pedra e pináculos em forma piramidal.

¹ [Em linha]. [Consult. a 08.04.2012]. Disponível em <http://monumentos.pt/Site>

No seu conjunto a fachada principal é delimitada por cunhais bastante pronunciados, também em pedra, encontrando-se atualmente caídos.

Ainda neste espaço evidencia-se o volume correspondente à torre sineira. Esta é formada por dois registos, sendo de destacar a sua cobertura em coruchéu de forma bolbosa. Nas extremidades esta é rematada por pináculos e ao centro por cruz. Pelas suas características formais, esta terá sido reformulado no século XIX, pois o seu corpo corresponde a uma construção seiscentista, mas a sua cobertura e remates terão sido uma reforma do século XIX.

Nas fachadas laterais da nave, destacam-se os vãos de iluminação estreitos, muito poucos característicos das construções da época moderna, que normalmente recorriam à utilização de grandes janelões, para a intensa iluminação no interior. Na fachada lateral direita, onde foram acrescentados dois volumes, temos um portal de acesso à igreja e as escadas de acesso à torre sineira. A fachada lateral esquerda é também composta por dois vãos de iluminação e por portal de linhas retas, simplificadas.

O volume correspondente à capela-mor é composto por dois vãos de iluminação retangulares, dispostos lateralmente. A parede fundeira não apresenta qualquer tipo de vão, terminando em empena triangular e rematada nas extremidades por pináculos em forma piramidal e ao centro por cruz latina em pedra.

O interior da igreja, apesar de muito adulterado por obras do século XIX e XX, impõe-se por ser um espaço onde se percebe o espírito Barroco do século XVII/XVIII. No seu conjunto destaca-se o altar-mor (Fig. 3), que segue os parâmetros formais e ornamentais do Barroco Nacional. É uma peça em madeira, dourada e pintada e encontra-se muito bem documentada pelo contrato celebrado entre o entalhador, Pedro Coelho, e o cliente, Confraria do Santíssimo de S. João de Covas, em Julho de 1696. Saliente-se que o pároco da freguesia, Padre João de Almeida, financiou a obra na quantia de 100 000 réis (custo total do entalhamento).



Fig. 3 - Altar-mor.

A escritura, do referido documento, também refere alguns dos elementos estipulados para o retábulo, como seja a inclusão das imagens de S. João Evangelista e S. João Baptista no soco das colunas do meio, com os respectivos atributos característicos. Pedro Coelho, residente em Guimarães, assume o seu trabalho de entalhamento, com discriminação das tarefas, responsabilizando-se pela conclusão do retábulo, no ano seguinte, em 1697.

O douramento do retábulo terá sido efectuado antes de 24 de Outubro de 1700, altura em que num contrato para a Igreja de Freamunde se menciona que *o douramento desse retábulo devia ser de ouro subido, como está o retábulo de S. João de Covas*. Contrato esse que cita o pintor João de Sousa como autor responsável, entendendo-se, por isso, que também terá sido ele a dourar o retábulo de S. João de Covas.

Este retábulo, em talha dourada e pintada na zona das colunas, é definido espacialmente, por três eixos compostos por colunas torsas, ornamentado por motivos figurativos e fitomórficos. O seu remate é composto por arquivoltas torsas, criando molduras decoradas com acantos e pequenos anjos.

Os plintos das colunas que constituem o altar, possuem figuras em relevo, representando, no lado do Evangelho, o Orago, São João Evangelista, e, no oposto, São João Baptista.

Ao centro, o altar é composto por tribuna de volta perfeita, sobressaindo o trono expositivo de cinco degraus. É ladeada por mísulas onde estão presentes duas imagens, uma do Padroeiro, São João Evangelista (Fig. 4) e uma alusiva a São João Baptista.

Actualmente, a base e parte do corpo central do retábulo-mor, é nitidamente um acrescento que corresponde a uma obra do século XIX, de cariz neoclássico, e a um "restauro". Neste espaço evidencia-se, o sacrário, encimado por falsa cúpula dourada e com a porta decorada por elementos eucarísticos. A ladear o altar, encontramos portas de acesso à tribuna, a qual possui vestígios de reboco, indicando a existência primitiva de pintura. Ao centro da capela-mor, encontramos a mesa de altar rectangular, sustentada por colunas com motivos fitomórficos.

Ainda no espaço da capela-mor, chama à atenção do espectador a cobertura em madeira pintada (Fig. 5). Ao centro executou-se a imagem do Padroeiro, São João Evangelista, emoldurado por uma composição com diversos motivos vegetalistas, fitomórficos, enrolamentos e acantos. O seu fundo é delimitado por uma barra vermelha e pintado de forma a imitar o mármore. O seu conjunto demonstra uma gramática compositiva muito própria do tardo-barroco, mas já com in-



Fig. 4 - Escultura do Padroeiro – São João Evangelista.



Fig. 5 - Pormenor do tecto da capela-mor.

dícios do estilo neoclássico, como se verifica na utilização de mascarões. A separar o espaço da nave do espaço da capela-mor, abre-se o arco cruzeiro de volta perfeita. É coroado por sanefa em talha dourada e pintada. No espaço da nave, estão expostos dois altares colaterais do século XX. O altar colateral esquerdo (Fig. 6), de ofício bracarense, foi uma oferta da Ex.^{ma} Senhora D. Maria da Conceição Bacelar, com data de abril de 1956. É um altar dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, em talha dourada e pintado de branco. Apresenta ao centro a imagem do Sagrado Coração de Jesus e lateralmente sobre mísulas, as imagens de Santo António e São José.

O altar colateral direito segue os parâmetros formais do altar colateral esquerdo, também realizado por uma oficina bracarense. É dedicada a Nossa Senhora de Fátima, escultura visível no centro do altar. Lateralmente são apresentadas as imagens que

representam o Menino Jesus e o Mártir São Sebastião. Uma inscrição testemunha a oferta deste retábulo por D. Laura e D. Albertina Marnoco e Souza em Abril de 1956.

Nos alçados laterais da nave, subsistem as bases de púlpitos que outrora existiram na Igreja. Atualmente têm a função de altares. Numa das bases está exposta uma imagem que representa, um episódio da Paixão de Cristo, a Flagelação de Cristo, também conhecido por *Cristo na Coluna*. Esta escultura em madeira encontrava-se numa das Capelas dos Passos que a freguesia teve.

Na base oposta encontrámos uma escultura de expressão marcante que representa Nossa Senhora das Dores (Fig. 7). Ainda neste espaço, temos a representação da Crucificação de Cristo, escultura em madeira, pro-

vavelmente proveniente, de uma das capelas dos Passos, anteriormente mencionada.

O interior da igreja de Covas é rebocado e pintado de branco, com cobertura de cinco panos apainelados. Coro-alto em placa de betão assente em mísulas e com guarda torneada em madeira, com acesso por porta, através da torre sineira.

No início da nave, do lado do Evangelho, abre-se um nicho, onde se encontra o Baptistério.

A igreja de São João Evangelista de Covas é um imóvel que evidencia várias vivências e gostos artísticos de várias épocas (séculos: XVII/XVIII/XIX/XX). Apesar das características Barrocas que patenteia, temos que ter em conta as várias reformas que a igreja sofreu e que alteraram profundamente a ambiência Barroca.



Fig. 6 - Altar colateral esquerdo.



Fig. 7 - Escultura de Nossa Senhora das Dores.

Fontes e Bibliografia:

Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças. Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais. *Entrega de bens ao abrigo do Dec. 11887*. Proc. 12132, L. 13, Fl. 428.
Arquivo Distrital do Porto. Fundo Monástico. Comenda de Santa Eulália da Ordem. *Livro 4.º do Tombo*.
BRANDÃO, D. de P. (1984) – *Obra de talha dourada, ensablagem e pintura na cidade e na Diocese do Porto - Documentação, vol. I (séculos XV a XVI)*. Porto: Diocese do Porto.
CAPELA, J. V., BORRALHEIRO, R. e MATOS, H. (2009) – As

freguesias do distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758. Braga: Ed. autor.
FERNANDES, L. A. (2007) – *Covas: viagem na história*. Lousada: EB1 Monte Sines.
LOPES, E. T. (2004) – *Lousada e as suas freguesias na Idade Média*. Lousada: Câmara Municipal.
Portugaliae Monumenta Historica. Inquisitiones. Vol. 1. Lisboa: Typis Academicis, 1887.
SILVA, J. H. S., CALADO, M (2005) – *Dicionário de termos de Arte e Arquitectura*. Lisboa: Editorial Presença.